

**Deponentes:** Irani Campos

**Entrevistadores:** Maria Céres Pimenta Spínola Castro, José Alexandre Sales e Vanuza Nunes Pereira

**Data do depoimento:** 27 de janeiro de 2015

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Podemos.

**MARIA CERES:** Prezado Irani Campos, foi servidor público do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Afastado preliminarmente de suas funções pelo regimento da universidade e posteriormente expulso com base no Decreto Lei 477.

**IRANI CAMPOS:** 77.

**MARIA CERES:** 477.

**IRANI CAMPOS:** 477.

**MARIA CERES:** 477. Isso. Banido do território nacional, segundo Decreto número 68.050, publicado no Diário Oficial da União em 19 de janeiro de 1971, na pagina 257.

**IRANI CAMPOS:** Isso eu não sabia.

**MARIA CERES:** É porque nós levantamos os dados. Gostaríamos que você nos contasse, com detalhes, as suas motivações políticas, os vincos partidários que você manteve ou vivenciou naquele período, a circunstância de seu afastamento. E enquadramento no 477. As datas e nomes são fundamentais pra que possamos reconstruir a história daqueles tempos e buscar a justiça. Então, eu gostaria que o senhor falasse. A gente não vai interromper, a não ser pedir algum esclarecimento ou, sabe, pedindo, pra um determinado momento, que a gente achar que pode ter tido algum problema na gravação, alguma coisa assim. Então, por favor, senhor Irani Campos, o senhor tem a sua palavra.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Me permite? Que esse depoimento está sendo dado à Ceres. Professora Ceres.

**MARIA CERES:** É. O depoimento está sendo dado para mim, que sou membro da Comissão da Verdade em Minas gerais. Meu nome é Maria Céres Pimenta Espíndola Castro, E nós temos aqui, acompanhando esse depoimento os dois assessores..

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** José Alexandre Sales.

**MARIA CERES:** José Alexandre Sales.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** E Vanusa.

**VANUSA:** Vanusa Nunes Pereira.

**MARIA CERES:** Vanusa Nunes Pereira, que são assessores aqui da COVEMG.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Hoje é 26, é 27.

**MARIA CERES:** Hoje é 27 de janeiro de 2015. Nós estamos às 09h50, na sala de coleta de depoimentos da COVEMG que fica no prédio da Advocacia Geral do Estado à Rua Espírito Santo, 495, 7º andar. Com a palavra.

**IRANI CAMPOS:** Primeiramente eu gostaria de dizer, eu fico meio incomodado com esse senhor. Tira o senhor, por favor.

**MARIA CERES:** Tudo bem, Irani.

**IRANI CAMPOS:** Eu falo sempre, eu não sou nem Deus, nem dono de escravo. Então o senhor não é muita coisa boa para mim não. Mas há coisas que eu comento às vezes Ceres, com as pessoas mais próximas, porque é uma coisa que eu cheguei à conclusão que existe um troço que é dom *[sic]*. E aí quando eu digo, por exemplo, que apesar das minhas origens de família que não tinha nenhuma participação ativa politicamente, nem tudo isso e tal, eu desde menino comecei a surgir com uma série de coisas e tal, porque eu fui levado pra casa de jornalista, bem na época que (trecho incompreensível) de dificuldade e coisa, então minha mãe me colocou na casa de jornalista. Então fui jornalista uns 3 anos. E nesse momento lá na época ainda de 1953, por aí. Eu às vezes não vou ser preciso nas datas porque aí já é muita coisa antiga, a gente, né. Então, eles começaram muito a bater, maltratar os jornalistas. E nisso aí surgiu em Minas aqui, um jornal chamado Tribuna de Minas, né, e esse jornal resolveu fazer uma entrevista com, uma reportagem sobre maus-tratos na casa de jornalista. Eu, sem saber por que, sem querer para quê, fui escolhido pra estar em uma comissão, pra ir conversar com um cidadão que quase ninguém conhece, chamado Juscelino Kubitschek de Oliveira, Governado do Estado de Minas Gerais, né?

**MARIA CERES:** Ah, tá.

**IRANI CAMPOS:** Fui eu e mais 4 companheiros, meninos aí da escola, da casa do jornalista para conversar com ele. E, a partir daí então, são coisas que surgem na sua vida que obviamente que por aí já começou a atividade política, né, mais ativa, né? Embora eu não tivesse escolhido: “Eu vou ser político. Eu vou fazer.” Isso foi por acaso assim, se existe por acaso né, de acontecer. Sem querer, nem para quê, aí

fiquei lá muito tempo na casa de jornalista, depois saí de lá e comecei a trabalhar e aí fui, entrei para, foi meu primeiro emprego, de fato, foi a Faculdade de Medicina, né?

**MARIA CERES:** Ah, tá.

**IRANI CAMPOS:** E na Faculdade de Medicina então eu passei então a ter contato com o pessoal, com o movimento estudantil, né? Tinha um amigo meu que era estudante lá, que ele era militante da JUC, né, da Juventude Universitária Católica, né, e com isso eu acabei mexendo com a Juventude Operária Católica. E daí vai crescendo e depois, quer dizer, eu fui pra a POLOP. Entrei na POLOP, depois na POLOP, quer dizer, a gente fechou a fábrica, POLOP dividiu, e eu participei da criação da COLINAS como uma libertação nacional, né? E foi justamente pertencente a essa organização de que eu depois já teria a luta armada. E nesse entre logo então logo entrando para a Faculdade de Medicina eu comecei a participar do movimento dos trabalhadores. Também aquele assim, sob o ponto de vista espontâneo, né, porque não tinha ainda formação, e foi aí, acabou nós criando a primeira organização de luta dentro da universidade que chamava União dos Servidores da Faculdade de Medicina. E essa União, depois foi perseguida inclusive na época do DOPS, eu fui preso com umas quase 40 horas no DOPS pra pedir informação. Porque era dirigente de entidade, e essa entidade depois foi ela quem gerou a SUFENG de hoje, que ainda existe até hoje, apesar de não ter nenhuma conotação política de luta política dos trabalhadores, mas está lá, e até chegar ao sindicato, né? E com isso aí depois eu então acabei entrando para a POLOP, quer dizer, foi aderi à proposta de luta armada que chegávamos à conclusão de que era humanamente impossível você avançar sem, se não fosse através da luta armada contra a ditadura, né? E aí comecei, quando foi em 1968, fim de 68, eu passei então, quer dizer, já entrar para a coluna da célula da COLINA e com isso aí eu tive até que posteriormente entrar na clandestinidade, né? Mas eu como funcionário público, eu era muito caxias [*sic*], diziam, né, então eu tinha e trabalhei 10 anos, sem faltar um dia no serviço. E com isso eu tinha direito de tirar 6 meses de férias prêmio, né. Então eu juntei os 6 meses de férias prêmio e 1 mês de férias, e foi um momento assim muito importante para mim, porque eu ia me afastar do serviço sem nenhuma coisa, motivação política, né? Não ia ter nada. Eu estava gozando das minhas férias, só que, nesse intervalo, quer dizer, o pessoal da COLINA caiu em Belo Horizonte, né, então posteriormente eu não estava em Belo Horizonte, estava desenvolvendo um trabalho em Uberaba e então quer dizer, não, uma das razões de eu não ter sido preso em fevereiro de 69, com eles foi por causa disso, né,

porque eu estava fora. E aí fui depois fui pro Rio de Janeiro, mas procurando contato com a organização, que não tinha. Quando as coisas foram dificultando, quando foi em julho eu tomei a decisão, junto com um companheiro meu que era da Faculdade de Medicina que eu morava com ele lá no Rio, que eu não podia ficar lá mais. Estava a coisa cada dia piorando mais, as dificuldades, o cerco fechando. Então eu decidi vir a Belo Horizonte, pra poder conseguir meios pra mim, o meu objetivo era ir para Porto Alegre, no caso lá ir para o Uruguai, que eu já conhecia muita gente que estava exilado lá, né, então era mais fácil eu encontrar apoio. Aí aconteceu que eu vim do Rio de Janeiro, no dia 02 de 69, às 19h30, o ônibus caiu comigo no Viaduto das Almas. Aí quando eu, aí eu fui levado pro pronto socorro. Quando eu chegando no pronto socorro, eu já estava sendo procurado pela polícia, né, pelo exército e tal e aí já fui preso no próprio hospital. E apesar de ter passado por uma cirurgia de oito horas e tanta e é uma coincidência também, porque às vezes a gente pode parecer não importar, mas eu dou importância porque é essas coisas incríveis que acontecem, né? O médico fez o meu diagnóstico, pode dizer que contribuiu muito para salvar a minha vida, porque fez um diagnóstico encima que eu não tinha parente minha, não tinha nada, tinha hemorragia interna, né. O fígado estava arreventado, né. E o cara que eu conheci há alguns anos, eu não sabia, era Agente do SNI. Por que como eu sabia que ele era Agente SNI? Porque eles me tiraram do hospital, e o pessoal do Pronto Socorro Médico foram no quarto e falaram comigo “Olha, eles estão dizendo que nós estamos te dando alta, mas nós não estamos te dando alta. Eles disse que vão levar você para o Pronto Socorro, Hospital Militar. Mas você pode estar certo que é mentira.” Gente que já estava mais informada das coisas acontecendo aqui, realmente me levaram para o DOPS. Aí quando eu fiquei lá no DOPS, mais de uma semana, sem curativo, sem nada, começou a me dar um mal cheiro tremendo e os vizinhos de lado, da sela, né, quando chegava inclusive na hora de se alimentar tinha uma certa dificuldade, e começaram a reclamar. Aí eles então me mandaram levar pro hospital, pra fazer o curativo. Aí levaram um dia à noite lá com um aparato militar tão grande que eu estava andando que nem o Frankenstein, que eu não estava aguentando nem levantar o corpo porque estava com a barriga aberta ainda né? Aberta assim em termos, não tinha cicatrizado nada ainda, uma semana de cirurgia só com dreno e tudo. E como se eu fosse o maior herói do mundo, né? O maior Batman do mundo, porque a quantidade de metralhadora encima de mim, assustou demais o pessoal do pronto socorro, inclusive. Aí quando eu voltei para, tinha, eles foram fazer curativo, aí

um dia vai esse um médico lá fazer esses negócios. Quando eu estava encostando na parede, que eu ia cair, pus a mão na cintura dele. Aí quando eu pus a mão na cintura dele, o que era? Uma pistola, né? Quem é que ia entrar armado dentro do DOPS? Né? Aí certifiquei. Bom. Aí o DOPS começou o trabalho deles, né? E o interrogatório. Primeiro já fui recebido com um chute na barriga de um Cabo da Polícia Militar. E olha a ironia, o cara que brigou com ele, era um dos caras mais conhecidos em Belo Horizonte, principalmente no meio estudantil, né, Frederico, né. E o Frederico deu a maior bronca nele. Ele achava um absurdo, eu doente do jeito, com a barriga aberta, algemado e ele fazer aquilo, aí ele falou assim: “Ah, mas você também bate.” Ele falou: “Eu bato lá na rua, porque eles jogam pedra em mim aí eu desço o cacete neles lá *[sic]*, mas não se bate em homem amarrado.” Eu achei interessante, né, porque o cara era ligado à repressão e tudo, mas tinha essa visão, né, essa, de respeito à pessoa, principalmente na dificuldade. Bom, quando foi em 26 de setembro eu fui levado pro Rio de Janeiro, que o pessoal estava todo lá na vila militar, aí eu fui levado pra lá. Aí na vila militar, fiquei isolado no princípio, né, porque tinha uma sela lá, tinha lá mais pessoas presas comuns, né, que era suspeita de alguma coisa e tal. Então me puseram lá, né. Então cheguei lá, já tinha uns dois pessoas lá *[sic]*, que inclusive, aqueles militantes, gente muito simples, né. E tal, que foram considerados marginal por eles, aí e tal. Então logo, eles já tinham informação de que eu estava chegando, que ia para lá. Se aproximou de mim e falou coisa e tal. Eu falei com ele que já sabia como era a cadeia, falei com ele assim: “Olha.” Não sabia quem ele era ainda não. Falei assim: “Olha, comigo aqui é assim, matar ou morrer. Quero ver tirar qualquer coisa comigo aqui, meu filho, pode matar, porque eu não vou citar nada não.” Ele falou: “Não. Não, companheiro.”.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Mudou né?

**IRANI CAMPOS:** “Não, companheiro.” Falei: “Não, então está bem. Está indo.” Depois fui para a sela. Bom, aí passam uns dias, eles resolvem dar uma aula, famosa aula de tortura na vila militar. Então pra sargentos e oficiais de todas as Forças Armadas, Polícia Militar e Serviço Militar, então cada hora eles punham uma pessoa lá, numa situação x *[sic]*, um cara em um pau-de-arara, negocio de choque, né, fazendo todas essas barbaridades que eles faziam e sentavam, punham a pessoa de pé nas latinhas de cortada *[sic]*, né, porque vai penetrando no pé da pessoa e tal. A coisa era tão absurda que até teve uns 4 sargentos que passaram mal, dos absurdos que eram.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Desculpa. Eu posso fazer uma, quando o senhor fala eles, o senhor se recorda do nome? Quem que estava dando esse curso? Quem que estava coordenando essas atividades?

**IRANI CAMPOS:** Conheço, conheço alguns. Conheço alguns, né. Mas os que mandavam lá, pelo menos lá na vila militar era justamente esse Capitão, que foi até preso no Rio de Janeiro, Capitão Guimarães, das escolas de samba lá. Tinham dois Capitão Guimarães, um Capitão Guimarães e tinha esse Capitão Guimarães que é esse da escola de samba que vive metido em droga, em tráfico, né, em contrabando, etc. Lá no Rio de Janeiro. Ele era um dos que comandava lá. E tinha o, o Coronel lá, o Coronel Ari que ele é responsável geral da aula lá, também era o que dominava, né. Isso na vila militar, então, só para vocês terem ideia, quer dizer, eles pegaram um cidadão lá, que não tinha nada a ver com luta política. Mas há uns anos atrás, como que eu falo, assim, não existia, quer dizer, os motéis eram diferentes, né? Então os caras pegavam um lugar lá um monte de carro lá, gente, lá na mangabeiras, né? As pessoas iam namorar lá, né, e tal. Aí pobre coitado, foi namorar, e estava lá, eles deram uma batida lá e prenderam, eles começaram a prender as pessoas que estavam no carro. Então nós pusemos até apelido nele de Cobra, porque ele ficou lá, uns 15 dias que nós ficamos lá, que eu fiquei na sela em frente dele, uns 15 dias ele ficou lá arrastando no chão. A gente pôs o apelido nele até de Cobra. Bateram nele tal, tal. Tomaram o carro dele, tudo, dizendo que ele era comunista, que ele era subversivo. Ele nem sabe o que era isso. Então essa barbaridade, então primeiro recebimento que eu fui para o Rio de Janeiro junto com o Maurício. Então nós chegamos lá...

**MARIA CERES:** Maurício Paiva?

**IRANI CAMPOS:** Maurício Paiva. Quando nós chegamos lá, até eu senti a dor da pancada que um cavalo de um homem lá deu no peito dele, fez até zoeira. Ele ficou até, quase que ele desmaiou. O cara grandão deu nele um...

**MARIA CERES:** Ele também tinha sido baleado, né?

**IRANI CAMPOS:** Baleado. Foi baleado no, quando foi preso aqui em Belo Horizonte, lá no Bairro São Geraldo. E então pra você ver, mas eles não respeitavam nada, né. Aí vai, tem uns absurdos que a gente vê. Porque esse...

**MARIA CERES:** Você falou que você foi da queda do ônibus foi dois...

**IRANI CAMPOS:** 02 de agosto de 69.

**MARIA CERES:** Dois de agosto de 69.

**IRANI CAMPOS:** Por volta de 7h da manhã.

**MARIA CERES:** Hum,hum. É eu me lembro disso aí.

**IRANI CAMPOS:** Morreram 33 pessoas, né, 32 pessoas. Ficaram 3. E eu fui inclusive torturado, pelo Capitão Gomes Carneiro, porque ele queria que eu desse conta de uma pistola 45 porque nesse ônibus que eu vim, do Rio, veio um Cabo da Polícia Especial do Rio de Janeiro e ele ia fazer levantamento meu em Minas Gerais. E ele, ele morreu. Então eles ficaram endiabrados, então ele, o Capitão Gomes Carneiro enfiava a mão na minha cirurgia, rodava o dedo para lá e para cá e falava: “Jura por Jesus que ocê não sabe onde está a pistola 45 [sic]?” Como eu entrei no ônibus todo machucado, ia tomar conhecimento de pistola 45? E eles chegaram, segundo eu tomei conhecimento, até aventaram a possibilidade que eu tinha provocado o acidente, pra não ser preso.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** O senhor se recorda aonde que ele torturou o senhor?

**IRANI CAMPOS:** Foi...

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** O Gomes Carneiro?

**IRANI CAMPOS:** Devo citar?

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Onde?

**IRANI CAMPOS:** No pronto socorro, no pronto socorro. Eu na cama do pronto socorro ainda lá. 2 ou 3 dias, depois da cirurgia.

**MARIA CERES:** E quem que era o médico, o senhor pode falar o nome dele?

**IRANI CAMPOS:** Qual médico?

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** (trecho incompreensível)

**MARIA CERES:** O que salvou sua vida, mas que era ligado ao SNI. O senhor se lembra? Ou pode falar o nome dele?

**IRANI CAMPOS:** Eu posso falar, eu vou deixar, é que eu falei eu estou aqui com um processo aí e de vez em quando eu esqueço, aí quando eu não preciso eu lembro.

**MARIA CERES:** Tudo bem. Eu conheço esse processo.

**IRANI CAMPOS:** Pois é. E então...

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Esse é o mesmo. Desculpa, esse é o mesmo que ele bateu a mão e ele estava armado?

**MARIA CERES:** É. É esse mesmo.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Foi...

**IRANI CAMPOS:** Não. Esse o Gomes, é. Ah, esse médico que ela está perguntando é, o que...

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** O senhor fez, ia cair...

**IRANI CAMPOS:** (trecho incompreensível) ele era Agente do SNI. Que ele foi um excelente cirurgião, ele que fez a minha cirurgia.

**MARIA CERES:** Que salvou o senhor.

**IRANI CAMPOS:** A única coisa que eu lembro que ele falou, falou: “Sobe urgentemente, porque (trecho incompreensível).” Porque eu tinha trabalhado no pronto socorro. “Ele está com hemorragia interna, sobe imediatamente pra.” E aí não vi mais nada, só um dia depois que eu fui já o efeito da anestesia e tudo que eu comecei a enxergar, conversar, coisa né.

**MARIA CERES:** Aí o senhor já estava falando do período do senhor lá no Rio de Janeiro? Quando o senhor foi levado para lá?

**IRANI CAMPOS:** Não. É mas esse período aqui...

**MARIA CERES:** Aqui em Belo Horizonte?

**IRANI CAMPOS:** Em Belo Horizonte. O que eu estava falando era justamente sobre a aula de tortura...

**MARIA CERES:** Tortura.

**IRANI CAMPOS:** Dada lá na vila militar do Rio de Janeiro para esses membros do Exército. Então foram várias pessoas torturadas, quase todas que eu, da COLINA, Angel Pesuti, Murilo Pesuti, Maurício, Marco Antônio Meyer.

**MARIA CERES:** Jorge Inácio

**IRANI CAMPOS:** Jorge, não. Jorge Inácio não esteve lá não. Jorge Inácio não esteve lá não. Nessa, na vila militar ele não esteve não. E tinha lá outras pessoas que eu não estou. Agora...

**MARIA CERES:** Não se lembra.

**IRANI CAMPOS:** É, lembrar o nome. E possivelmente depois que eu sair daqui, eu vou, o computadorzinho vai começar a mexer, eu posso lembrar e anoto na hora, para depois eu passo para vocês. O caso, inclusive o nome do...

**MARIA CERES:** Do médico.

**IRANI CAMPOS:** Do médico. Acho que é Marco Antônio, acho que é Marco Antônio mesmo.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Tinha uma comitiva que levava os presos daqui para o Rio de Janeiro? O senhor foi de carro? De avião? De trem?



**IRANI CAMPOS:** Não, fui de carro. Fui de carro, fui de Jipe, um do exército. E só que nesse eu fui sozinho, né, o Maurício foi em um dia, eu fui no outro. Foi antes de mim, eu fui depois, quer dizer, sozinho. Então eu fui de Belo Horizonte ao Rio, fiquei na vila militar. Depois da vila militar quando já tinha uns 3 meses de prisão, por aí, é que nós viemos então para a Penitenciária de Linhares, né? E então, quer dizer, eles cometeram um erro na época, um erro estratégico, eles desativaram um presídio lá que era de preso comum, para colocar todos os presos lá nesse presídio porque como a 4ª região, quando a 4ª Auditoria Militar era em Juiz de Fora, né, então ficava mais fácil deles levarem a gente para a auditoria, né. Etc. e tal, né? E aí então a gente foi, foi para essa penitenciária. Quando eu digo que eles cometeram um erro, porque eles nos permitiram, justamente por causa disso, organizar politicamente dentro do presídio, não? Porque a gente começou então a se organizar. Assim criamos vários grupos, quer dizer, cada mesa sentavam seis pessoas, né, para almoçar, jantar, né?

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** O senhor se lembra do nome dessas pessoas? De algumas dessas pessoas assim que o senhor?

**IRANI CAMPOS:** Ah, de todas eu não me lembro não. Mas dos presos?

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** É. Alguns companheiros mais próximos e tal?

**IRANI CAMPOS:** É. Eu lembro, quer dizer, desse que eu já falei está aí, o Marco Antônio, O Marco Antônio Meyer, o Jorge Narras, a Maria José Narras, o Murilo Pesuti, o Ângelo Pesuti, o seu Luís que era lá de Goiás, Marco Antônio que era da Corrente, o.

**MARIA CERES:** Maurício?

**IRANI CAMPOS:** Maurício também, não é, eu já falei o. Na hora assim o nome, a gente vai começando, depois você vai, devagar a gente vai mexendo os pauzinhos e vai lembrando [*sic*]. Estava inclusive à mãe do Jorge Narras lá, estava aquela Giuse lá. A Giuse. Tinha mais assim que agora eu vou lembrando assim, e tinha o Canela que foi, Ah, o Canela foi no DOPS ainda. Então o que nós chamávamos de, que está aqui ainda, que inclusive foi candidato a Deputado aí, o.

**MARIA CERES:** Apolo?

**IRANI CAMPOS:** Não, Apolo não. Tinha o Bittencourt, que eu estou esquecendo o Fernando Luís Bittencourt, Luís Bittencourt, agora da parte que da um branco na gente assim, nessas horas que. Então, quer dizer, eram muitos, vieram presos de Goiás para cá e presos de Brasília para cá porque como a 4ª, é tudo lá pertencia à 4ª região

Militar, Auditoria Militar, né, então eles vinham para cá para serem julgados aqui. Então teve aquele o Marco Antônio. Marco Antônio irmão da, que foi banido junto comigo. Ela esteve até na reunião lá, teve até na reunião lá pra, ela mora lá no Barreiro. Esqueci, foi banido inclusive junto comigo também. De pouquinho você vai mexendo e aí vai sempre lembrando, lembrar de todos parece que dá um branco na gente.

**MARIA CERES:** Vai lembrando. Nessa época você já tinha sido expulso da universidade? Como é que foi esse processo? Você se lembra?

**IRANI CAMPOS:** Eu quando fui expulso na universidade é o seguinte, eles mandaram fazer um inquérito administrativo contra mim lá na medicina, inclusive coitados, 2 amigos que eu tinha lá foram para a Comissão. Depois eles custaram para poder explicar para mim, eu falava: “Vocês não tem nada a ver com isso não.” Então eles fizeram uma comissão de inquérito lá em fajuta e não tinham nada para mim, eles não queriam dizer que eu estava politicamente, porque eu tinha sido colocado pela universidade como se eu fui na lei 477 enquadrado, todos aqueles estudantes que foram de lá, né, Pedro Paulo Brito, Ângela (trecho incompreensível), todo mundo e me colocaram no meio como se eu fosse estudante, né? Eu era funcionário, eu era funcionário de carreira. E então esses cinco eles fizeram essa comissão de inquérito e o pessoal lá decidiu que eu tinha que ser expulso da universidade porque eu tinha cometido um ato escandaloso. Como é que é?

**MARIA CERES:** Indisciplina.

**IRANI CAMPOS:** É. Como indisciplina, como se eu tivesse feito um ato absurdo, né. Incontinência Pública Escandalosa. Olha bem, para você ver, eu tinha cometido um ato na medicina lá de incontinência pública escandalosa. Isso é como se eu tivesse praticando sexo com alguém, se eu tivesse pelado na porta da universidade, vamos dizer assim, se eu tivesse estuprado alguém, se eu tivesse roubado alguém lá. Coisa que... Eles não tinham outra coisa, me colocaram isso, incontinência pública escandalosa. Só que eu não fui ouvido, nem nada, eu só recebi depois que eu estava em Juiz de Fora, eu recebi lá um papel para assinar e tudo lá e tal, não vi nenhum motivo lá, precisei assinar e tinha conhecimento, né? E me chamando para prestar depoimento só que eu nunca prestei esse depoimento, nunca foi me tirar lá para prestar depoimento. E isso até foi o que me colocou na cabeça, que eu falei assim: “Eu vou voltar para a universidade de qualquer jeito.” Porque eu tenho um relacionamento muito bom na universidade, em todos os setores da universidade,

graças a Deus sempre fui muito respeitado dentro da universidade. Muitos amigos, não é justo que eles tomem conhecimento e não saibam da verdade, não é? E eu quero então que a universidade vai ter que rever isso. Então foi o que aconteceu, eu comentei com você o negócio da volta para a universidade, né? Porque a universidade não me aliciou, ela fez uma reunião lá e quando aliciou absolveu todos os professores que eram que foi técnico administrativo, eu era o único técnico administrativo que tinha participado da luta.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** O senhor me dá um segundo, só para a gente retomar isso, daí o senhor volta a falar desse ponto que o senhor parou? Só um instantinho, por favor.

**IRANI CAMPOS:** De qual?

**IRANI CAMPOS:** Dentre isso eles terem me expulsado por incontinência pública escandalosa, isso é uma coisa que, de uma certa forma ofendia muito a moral da gente, dentro das relações da gente, das pessoas, né, do respeito que as pessoas tinham por mim, da minha participação política que eu tinha lá e tal, então eu falei “Não, eu não vou aceitar isso, e eu não quero tentar voltar pra a universidade pela anistia. Eu quero voltar, quer dizer, eles têm que reconhecer que eu fui mandado embora por questão política e não porque eu pratiquei um ato absurdo como eles falam, incontinência.” Aí entrei com um processo. Depois entre com um processo, inclusive pra mim voltar e foi como eu voltei. Vou chegar lá. Aí teve essa reunião do conselho universitário, aí um colega que tinha lá no conselho universitário, João Queiroz, né, que foi Diretor de Pessoal.

**MARIA CERES:** É.

**IRANI CAMPOS:** Que mexe com teatro, né?

**MARIA CERES:** É.

**IRANI CAMPOS:** João Bosco, né?

**MARIA CERES:** João Bosco.

**IRANI CAMPOS:** Ele então falou “Porque nós temos aí um funcionário aí da universidade também que foi mandado embora. Foi perseguido, foi preso e tudo e ele não vai ser lembrado aqui não?” Aí eles ficaram sem saber o que fazer e acabou que não fizeram. Não fizeram nada. Aí um outro professor da universidade, que foi Diretor de Geociências, (trecho incompreensível) o que aconteceu, foi secretário do Milton Cardoso em...

**MARIA CERES:** Não é o Calota não, né?

**IRANI CAMPOS:** Não. Foi secretário do Milton Cardoso em Contagem, foi. Depois do museu, tinha museu lá do Ostra também, foi lá. Foi Diretor lá também, (trecho incompreensível) me falta o nome da pessoa.

**MARIA CERES:** Eu também estou...

**IRANI CAMPOS:** E então ele me levou pra a trabalhar, provisoriamente, pra trabalhar no geociências. Porque, né, eu estava sem nada pra viver, né? Não tinha nada pra viver, não tinha família pra cuidar de mim, né? Aí eu fui trabalhar lá, mas trabalhei lá 3 meses, depois de 3 meses eles me dispensaram porque não tinha dinheiro pra pagar. E com isso eu fiquei esperando que fosse decidido qualquer coisa. Aí depois em 1 ano, 1 ano e pouco depois, foi conseguido uma liminar no STF, pra mim voltar pra a universidade, então eu voltei em 19 de agosto de 1981, eu voltei pra a universidade. Mas eles não, a universidade não tomou nenhuma atitude pra mostrar que eu fui expulso da universidade por militância política, não porque fui um funcionário irresponsável, né. E isso é, por exemplo, a gente tem que perdoar, mas isso eu não perdoo porque isso é uma coisa que depõe muito contra a gente, principalmente quem defendia as ideias que a gente defendia, né. Sair, você sair, for expulso de uma instituição por causa disso, né, terrível. E ela nunca foi capaz. Mas eu, depois eu não fiquei insistindo, porque eu acho meio esquisito eu ficar pedindo determinadas coisas, poder impondo certas coisas que envolve questão política e uma série de coisas. E aí eu voltei, normalmente, depois de uns 3, 4 anos eu fui indenizado, sem correção monetária nem nada e enquadrado tudo. Voltei pra a universidade, assumi minha atividade e comecei a militar politicamente como eu sempre fiz antes, né? E, voltando lá pra depois desse coisa *[sic]*, quando foi lá pra 1970, nós estávamos presos em Linhares e aí foi que sequestrado o Embaixador Suíço, eles sequestraram o Embaixador Suíço então eles exigiram a libertação de 70 presos, né? E eu fui incluído, entre os presos que ia ser trocado eu entrei na lista dele. Pela bondade dos companheiros lá, me puseram na lista, e eu, esse Bittencourt, o Afonso Celso Leite, o...

**MARIA CERES:** O Chuchu?

**IRANI CAMPOS:** Não, o Chuchu não. O Chuchu foi em Americano.

**MARIA CERES:** Ah, foi.

**IRANI CAMPOS:** Aquele casal, aquele casal de. Foi. Olha, sem nem (trecho incompreensível) o nome do...

**MARIA CERES:** Afonso? E Mara.

**IRANI CAMPOS:** Afonso (trecho incompreensível) e a mulher dele, é.

**MARIA CERES:** A Mara Ruths.

**IRANI CAMPOS:** E a Mara. Exatamente. Também a Carmela Pezzuti. Carmela Pezzuti estava presa lá. E, vai, eu vou contar um caso, porque eu acho que isso é importante e está dentro. A Carmela Pezzuti ela tomou conhecimento de que a minha mãe não tinha possibilidades de ir lá me visitar, e então ela providenciou levar a minha mãe pra me visitar em Linhares. Aí ela levou né, aí passado uns tempos ela, ela não tinha sido presa ainda não, né? Aí ela foi presa. Foi presa, espancaram ela demais, quebraram a boca dela toda, puseram ela lá, e aí foram lá pra Linhares. Aí a outra, o irmão do Dele Fantini, o pai do Dele Fantini, foi lá e levou, ele levou a minha mãe também pra visitar. Quando a minha mãe estava conversando comigo, eles entraram tirando a Carmela da sela e ela desceu toda quebrada, toda machucada, mesmo e tal. Aí a minha mãe falou comigo assim “Oh, meu filho, a Carmela teve um acidente aí?” Eu falei “Não mamãe, foi acidente não, foi tortura. Eles torturaram ela.” Que a minha mãe ficou brava demais. Aí o coronel veio conversar com a minha mãe, ela falou assim “Eu não vou conversar com o senhor não, porque o senhor fez isso, o senhor maltratou a minha amiga ali bateu nela quebrou os dentes dela.” E tal e tal. Ele nem sabia que a minha mãe tinha visto ela descendo a escada. Aí o coronel falou assim “Fala pra a sua mãe calar a boca.” Eu falei “Mamãe nunca me mandou calar a boca, por que eu vou mandar ela calar a boca? Deixa ela falar, porque o que ela está falando é verdade, e é bom que fale mesmo pra o coronel, se ele não sabia ficar sabendo.” Claro que ele sabia, né? Eu conto isso porque são as coisas que acontecem, né, que também não está totalmente fora do contexto, né?

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** A Ângela foi torturada lá ou ela já chegou torturada?

**MARIA CERES:** Carmela.

**IRANI CAMPOS:** Carmela.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Carmela.

**IRANI CAMPOS:** O filho dela que chama Ângelo Pesuti, né?

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Sim. A Carmela...

**IRANI CAMPOS:** Irmã da Ângela Pesuti.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Sim. Desculpe, ela chegou já lá quebrada ou ela foi torturada lá? O senhor se recorda?

**IRANI CAMPOS:** Ela foi torturada no Rio de Janeiro, né?

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Ah, etá.

**IRANI CAMPOS:** Que ali no Rio de Janeiro ela foi transferida pra cá. E aí quando ela chegou, eles bateram muito, machucaram ela e tal e coincidiu. Porque ela primeiro, ela ia visitar o Ângelo Pesuti mais o Murilo e levou a minha mãe pra me visitar, aí a minha mãe ficou conhecendo ela, e ficou ligado com o pessoal. Aí quando era isso ela ficou indignada, mas aí, quando lá o negócio lá do exílio, né? Fui excluído...

**MARIA CERES:** Aí você saiu e você foi pra aonde? Foi pra o Chile?

**IRANI CAMPOS:** Pois é, aí nós saímos e tinha a possibilidade de ir pro Chile, Argélia e o México, né? Que já eram os países que davam guarida pra os presos políticos, de onde quer que fosse. Aí tinha havido a eleição no Chile, o Salvador Allende tinha ganhado a eleição em setembro de 70, né?

**MARIA CERES:** É.

**IRANI CAMPOS:** Aí então nós fomos pro Chile. Tinha poucos, 3 meses que tinha assumido lá o Cabo, nós fomos, chegamos lá no Chile em 14 de janeiro de 1971. Aí estava uma efervescência muito grande, né, as forças políticas lá de esquerda, progressista, participando do poder, havendo uma transformação muito grande e obviamente, apesar de contrariar a lei do exílio, né, que a gente participava, a gente não participava ativamente como os chilenos, mas participava ali dando apoio, discutindo com o pessoal, participando de algumas atividades. E quando foi 8 de agosto de 71, aí eu fui pra Cuba. Fui pra a Cuba com a finalidade justamente inclusive de fazer um tratamento, porque quando eu fui preso aqui eles puseram muito farol na minha cara e com isso danificou a minha vista, então deu derrame, deu derrame na vista, né. E quando eu fui pra o Chile, estava difícil fazer o tratamento lá, eu fui pra a Cuba fazer o tratamento. E com isso, esse problema foi criando, criando, criando, até chegar hoje, né, que eu estou aí já 6 anos já sem ler nada, por causa da degeneração ocular, né. Fiz tratamento em Cuba, depois não resolveu, fui pra a Alemanha, também fiz outra cirurgia, não resolveu. Voltei pra o Brasil fiquei muitos anos até bem, né, e tal. Há 13 anos passados, depois de fazer uma cirurgia de catarata, pronto, determinou tudo e já tem 6 anos que eu não leio nada, né. Mas aí veio do Chile e aí fiquei um ano em Cuba, voltei pra o Chile em 72. 72, justamente, voltei pro Chile em 14 de setembro de 72. E quando era em mil e novecentos, 11 de 73, né, veio o golpe militar lá no Chile, embora eu às vezes tenho um certo receio de dizer golpe militar, porque como que no Brasil aconteceu sempre, assim, eu acho injusto com os militares dizer que foi golpe militar, porque a maioria dos golpistas, de fato, não eram militares, né? Família

(trecho incompreensível) não eram militar, né? Magalhães Espíndola não era militar, Lacerda não era militar, Wildo Meneguete não era militar, (trecho incompreensível) era militar. Quer dizer, tinha uma posição, peso político muito grande dos militar [sic], mas a marcha de 1 milhão lá em São Paulo, da classe, da burguesia em São Paulo Tradição, Família e Propriedade não era militar, né? Eles é quem mais apoiaram o golpe, eles mais que ajudaram, contribuíram pra dar o golpe militar, então, eu acho que é injusto a gente falar só golpe militar. Houve um golpe político, onde os militares tiveram participação importante, mas tem os grandes civis que tiveram, né? Como até, muitos professores da universidade assinaram abaixo assinado apoiando o golpe, né? Isso muita gente na universidade às vezes não sabe, mas tem até um livro da Starling, né?

**MARIA CERES:** Heloisa.

**IRANI CAMPOS:** Da Heloisa Starling, que ela mostra lá inclusive tem um outro livro também, uma série de professores que assinaram, a gente já sabia que eles eram apoiadores do golpe militar, do golpe na universidade, né. Porque inclusive contribuíram muitos alguns deles com a cassação do professor Aloisio Pimenta, né? Que era o Reitor, e como era uma pessoa que tinha um posicionamento progressista, né. Não tinha manifestação assim, claríssima contra os militares no geral, mas ele era contra a universidade estar submetida, né, e controlada por eles. E ele reagiu diante disso, e até foi posto pra fora, né, da universidade.

**MARIA CERES:** E a, só porque você tocou na universidade, você falou que a sua expulsão foi resultado daquele inquérito, mas depois você foi também incurso no 477?

**IRANI CAMPOS:** É. Exatamente.

**MARIA CERES:** No 477.

**IRANI CAMPOS:** No 477.

**MARIA CERES:** Então, foram dois inquéritos? Foi um inquérito da...

**IRANI CAMPOS:** Da universidade internamente e o outro do...

**MARIA CERES:** Do 477?

**IRANI CAMPOS:** Inclusive através dos militares, né, do MEC, né? Acabou a universidade participando também, né?

**MARIA CERES:** Sei.

**IRANI CAMPOS:** E então eu fui incluído nesse, pra eles expulsarem os estudantes, aí me colocaram no meio. E a maioria dos estudantes era da Faculdade de Medicina, né? E foi, aquele Paulo Brito também saiu comigo no exílio. Não. Paulo Brito saiu

antes. Mas o Ângelo Pesuti, a Dodora. A Dodora saiu comigo também. Né? A Dodora, o Paulo Brito, o Jorge Nahas, a Maria José Nahas, todos eles eram da Faculdade de Medicina, né? O Apolo era, mas ele não foi, não chegou a ser banido e tal, depois ele saiu do Brasil assim. Mas era um conjunto muito grande lá da universidade que participava ativamente, né. E todos esses que eu falei eram membros da COLINA, né? Da célula deles, inclusive da célula que eu participava. Eles foram presos lá no São Geraldo, no bairro Santa casa de São Geraldo.

**MARIA CERES:** É. E aí você estava falando que você voltou pra o Chile, em 72 e em 73 teve o golpe.

**IRANI CAMPOS:** Teve o golpe.

**MARIA CERES:** O golpe no Chile.

**IRANI CAMPOS:** É. no Chile.

**MARIA CERES:** Aí você...

**IRANI CAMPOS:** Aí nós tivemos então que sair do Chile, aí nós fomos pra o México. Uma quantidade de pessoas foram pra Embaixada do México e depois nós fomos pro México. O México não concedia asilo pra nós que já tínhamos asilo no Chile, eles concediam asilo pra os chilenos, mas aquele, todos os estrangeiros que estavam no Chile, que estavam lá perseguidos politicamente, Colombiano, Boliviano, de outros lugares e tal, eles não davam. Então a gente, eles começaram a tirar gente de lá, né, não concedia de jeito nenhum. Eu inclusive eu era da comissão, da comissão criada lá pelos exilados lá pra fazer negociação com o governo. negociações pra poder resolver o problema nosso, né? Aí o governo lá chegou à conclusão, eles pagavam passagem pra nós irmos pra onde quisesse.

Dava...

**MARIA CERES:** Vocês estavam na Embaixada do México ainda?

**IRANI CAMPOS:** Não. Aí nós já tava lá no México *[sic]*.

**MARIA CERES:** Ah, já estava no México?

**IRANI CAMPOS:** É. Já estava no México, puseram lá no famoso Hotel San Diego *[sic]*, e nesse hotel San Diego estava lá, todo o pessoal. 80 pessoas exiladas lá quer dizer, 90% brasileiros e 10% de outros países, Colombiano, Boliviano, Peruano. Mas 90% era de brasileiros, e todos os que foram banidos, né? Foram 70. Então tinha 70 brasileiros banidos lá, muitos moravam lá porque inclusive logo saíram né, tinha esquema pra sair, de lá, por conta de família, por conta de contato com organizações aí, né? Então eles saíram. Então nós ficamos lá tentando resolver e não resolvia, aí



depois eles começaram então a, tinha lá cheio de polícia lá, né começaram a criar problema. O pessoal começou a ficar, inclusive começou a ficar nervoso, né, ao ponto de um dia eu estar lá no quarto lá, chego uma pessoa lá e falou assim “Vai lá embaixo lá que o Atos Pereira...” (trecho incompreensível) Maia também estava lá. “Que o Atos Pereira ele, arrumou uma briga lá com o pessoal lá.” Era 15h00min da tarde, eles não tinham servido comida pra ele ainda. 15h00min da tarde, eles ficaram enrolando, justamente pra ver o que (trecho incompreensível). Aí eu fui lá, né, aí o Atos Pereira e “O que houve aí?” “Ah, eu virei a mesa aí.” Eu falei “Ah, mas virar a mesa é coisa normal, não estou...” Não, mas ele virou a mesa mesmo, virou a mesa e coisa normal né? Virou a mesa e os caras tinha aquele negócio que a gente fala “Ah, virou a mesa.” Ah, mas virar a mesa, não tem problema não o troço era muito mais serio *[sic]*. Aí nós começamos a levar em conta de que a polícia estava lá arrumando, criando problema pra a gente dar motivo, né, deles expulsar a gente, né? Esse detalhe. Então a gente tomou a decisão de dar um jeito de sair do Chile. E o. Sair do México, eles davam, por exemplo, um passaporte de validade só pra ida. Quer dizer, na hora que eu chegasse em qualquer país, pra voltar eu não tinha passaporte pra voltar, né? Era válido só pra ir. Aí nós ficamos lá, todo mundo começou aquela guerra de procurar lugar pra ir. A gente ia, visitava uma embaixada, conversava, não dava. Até que um dia, nós fomos na Embaixada da Iugoslávia, e o embaixador lá, quer dizer, ainda era na época lá que a Iugoslávia era considerada comunista, né? O chefe lá, como é que é o nome dele? Esqueci agora, que era o presidente lá, famoso lá. Pressionava muito os russos lá, pra Iugoslávia ter independência, né? O embaixador falou “Olha, se vocês quiserem eu dou exílio pra vocês, se quiser.” Aí “Não, nós queremos sim.” Aí lá coloquei pra o pessoal, disseram: “Não. Ninguém vai, fica aí.” Aí eu chamei o Aloisio Coelho, o Neco, né? Conhece né? Chamei o Neco e falei “Oh Neco, tem uma proposta aí, olha, eu estou a fim de sair eu não vou ficar aqui aguentando essa onça aqui não.” Aí tinha uma uruguaia lá, uma amiga dele lá, uma belga e tinha um outro menino lá do Mato Grosso, estava lá também, que agora esqueci o nome dele. Aí falei “Olha, eu vou embora, Tu vai?” Eu falei “Vamos. Amanhã nós vamos lá na embaixada.” Fomos na embaixada e pegamos o visto.

**MARIA CERES:** Inda bem, né?

**IRANI CAMPOS:** Pegamos o visto pra ir pra Belgrado. Agora veja bem, você, não tinha, não tinha a mínima condição era (trecho incompreensível) necessidade, porque você ficar em Belgrado você ia ficar extremamente isolado, né, de qualquer coisa. E,

aí eu vim com. Chegamos lá. Aí estudamos lá as coisas bem, e falamos “Nós vamos com eles, dão uma passagem pra Belgrado.” E nós então marcamos a passagem pra Belgrado numa situação, quer dizer, passando pela Bélgica, Bruxelas, Frankfurt e Belgrado. Aí nós combinamos “Olha, se não der pra a gente ir, vai tentar descer em Bruxelas, se não der, a gente vai pra Frankfurt se não der, paciência. Vamos pra Belgrado.” Mas aí nós conseguimos chegar lá em Bruxelas e descer, sair, né? Eu, pelo menos, rapaz só não corri pra não dar má nota, né, mas fui em um andando, deixei eles pra trás e fiquei lá fora. Eles ficaram lá preocupados com negocio de bagagem. Eu falei “Ih, preocupar com bagagem uma hora dessa não, é melhor você sair e ficar aqui.” Aí fomos pra Bruxelas, descemos lá. Posteriormente, eu e o Neco e a Mabel, fomos pra a Alemanha. Que nós tínhamos um pessoal lá de contato, né? O Samuel e a (trecho incompreensível) inclusive estavam lá, (trecho incompreensível). Tinha um pastor da igreja de lá que ele era, morou no Brasil por longos anos e era muito simpático no Brasil e tal. Então ele decidiu então a arrumar, dar o asilo lá pra a gente, receber a gente porque a gente precisava de ter um lugar, alguém que recebesse, né. Aí a Anistia Internacional pegou, foi lá no, em Bruxelas, nos pegou de carro, nós entramos lá pelos cantos lá, escondido e fomos pra a colônia. Lá é que nós entramos e começam a providenciar e pedir asilo político lá, né? Tivemos o asilo, e eu, por exemplo...

**MARIA CERES:** Em colônia, né? Na Alemanha?

**IRANI CAMPOS:** Na Alemanha Ocidental.

**MARIA CERES:** O senhor se recorda o nome do pastor e qual congregação, ou igreja que ele tenha?

**IRANI CAMPOS:** Pastor Descer, ele era presbiteriano, não sei de que linha. Ele era presbiteriano.

**MARIA CERES:** E ele era alemão?

**IRANI CAMPOS:** Ele é alemão e morou longos anos no Brasil. Ele tinha 3 filhos, todos os filhos dele brasileiros. O filho, um dos filhos dele é professor lá na universidade em Ijuí, foi pastor lá, ele tinha um amor por, ele chamava o Brasil de continente. Ele não falava Brasil, país, ele falava continente brasileiro.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Ele foi pastor aqui em Belo Horizonte também?

**IRANI CAMPOS:** Não, não. Só no Sul.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Só no Sul?

**IRANI CAMPOS:** Só no Sul. A igreja, a igreja dele tinha coisa lá do Sul *[sic]*, né? E, então nós ficamos lá. Fomos pro, depois fomos pra (trecho incompreensível) e eles concederam lá a igreja dele concedeu a bolsa de estudo pra a gente fazer o curso de alemão lá, né. Então nós saímos de colônia e fomos lá pra (trecho incompreensível) pra fazer. E depois lá, depois do curso cada um procurou, né. Alguns foram pra algum lugar, o Neto, com a Dodora, por exemplo, mais o companheiro dela, o Guarani, foram pra Berlim, né. Pra Berlim, mais a Bebel. Eu fui lá que fiquei lá sozinho lá porque estava ainda fazendo um tratamento de vista e eu, no primeiro semestre não deu pra eu continuar estudando, aí eles me prorrogaram pra (trecho incompreensível), né, pra mim ficar lá mais seis meses, pra poder, eu, estava com, que eu tive que ir pra Berlim fazer cirurgia e voltei pra cá, pra (trecho incompreensível) pra fazer o segundo, né, fazer o curso de alemão. Aí eu fiquei sozinho lá, mas dei sorte, porque começou a aparecer brasileiro lá, bolsista, e gente assim, muito boa, pessoa aberta e tal, progressista. E eu, então eles me escolheram pra mim ser cicerone deles, quando eles chegaram lá, né. Com isso eu talhei uma amizade muito boa com eles. Foi fácil sustentar mais 6 meses lá sozinho. Mas aí a gente tinha, eu e algumas outras pessoas, já tava *[sic]*, tinha pensado em entrar pro movimento. Tinha encontrado angolanos lá, da esquerda lá no Chile, e a gente tinha pensado em lutar pelo Movimento Popular pela Libertação de Angola, né. E aí aconteceu isso tudo. Aí eu fui pra a Alemanha, na Alemanha então a gente tinha um angolano lá que era um cara estudante lá e tal, mas era um cara de esquerda lá em Angola. Aí eu, de lá fui pra Portugal, e de Portugal eu fui pra a Angola. Fiquei então lá em Angola três anos, em Angola. Depois de Angola então eu voltei, eu tinha que ir todo ano na Alemanha pra reformar o meu asilo, né? O asilo político. E então depois fui pra Portugal, porque tinha tido lá a Revolução dos Escravos, né? Então a gente foi pra lá. Aí depois eu fui pra a Angola, tinha já sido concedido, conquistado a libertação dela em novembro de 75. Aí eu fui pra lá, pra Angola. Fiquei lá três anos e depois voltei pra Portugal. Até eu voltar pra o Brasil, no dia 1º de setembro de 1979, até que provem o contrario, eu sou o primeiro exiliado político a chegar depois de ter assinado a Anistia Internacional, a Anistia nossa.

**MARIA CERES:** 1º de janeiro?

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** De mil e novecentos...

**IRANI CAMPOS:** 1º de agosto.

**MARIA CERES:** 1º de agosto.

**IRANI CAMPOS:** De setembro, de 1979. E, então daí eu voltei, comecei a encaminhar aqui e tudo. Mas a minha introdução então, eu estou voltando lá atrás o Auri que deu entrada na luta armada, participação política, foi a minha, o meu engajamento na luta sindical, né. Porque na época nós tínhamos a União Nacional dos Servidores Públicos, então eu e esses amigos que tinha na universidade, fomos, era como representante deles lá na Faculdade de Medicina, né, da USP. E nós então começamos a militar na USP, participar de congresso e tal e tal. E, aí depois aí começamos a trabalhar, criamos a União dos Servidores da Faculdade de Medicina. Aí quando eu voltei, voltei, mas já não fui pra a medicina mais, porque através de amigos falou “Olha, a medicina lá...” O Hospital das Clínicas, né, que eu trabalhava, era técnico de laboratório, “Não é mais como você pensava não.” Então tinha muitos amigos no Instituto de Ciências Biológicas, né, aí eu fui pra o Instituto de Ciências Biológicas. E, aí fui enquadrado. Aí começamos a participar, eles já tinham criado em 1974 a SOFEMG e era a organização simplesmente social, né. Não tinha nenhuma atividade política concreta, política concreta de mudança, de interesse do trabalhador em termos políticos, né? E tal, cargo de carreira, cargos, esses negócios todos, né, não tinha nada disso, tinha o Estatuto do Servidor Público, né, que seria todo mundo igual no Brasil. Em cada local tinha uma especificidade, então no nosso caso, por exemplo, das universidades, nós tínhamos uma especificidade totalmente diferente dos demais órgãos do serviço público, né? Aí começamos a criar, quando foi esse em 78, eles tinha criado a FASUBRA Federação e Associação dos Trabalhadores das Universidades Federais, né, Brasileiras. E então nós começamos a fazer e tal e transformamos a SOFEMG, dentro da minha opinião, um dos maiores, um dos melhores e maiores sindicatos do Brasil, na época, porque a FASUBRA não fazia nada sem que nós estivéssemos, né? Na época que eu voltei, que eu comecei a trabalhar, o presidente lá da entidade lá era o Mário Márcio, né? O Mário Márcio, quer dizer, apesar do pessoal de criticar muito, de dizer que ele era reacionário, que era isso, que ele era aquilo, eu falei “Eu não vim pra conhecer Mário Márcio, nem ver Mário Márcio, eu quero entrar é pra a minha associação. Eu quero ver, eu tenho a ver com a associação.” Eu fui entrando e deu todo certo, com isso nós conseguimos transformar totalmente a associação e ela se tornou e a FASUBRA é a maior Federação dos Servidores, dos trabalhadores, antes ainda de cair à ditadura, né.

**MARIA CERES:** Você se lembra do ano em que você foi enquadrado no 477? No Decreto? Você se lembra? Porque a gente está precisando precisar esse dado.

**IRANI CAMPOS:** A data certa eu não tenho não. Mas foi em 1970.

**MARIA CERES:** 1970, né?

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** O senhor me permite? Me dá um tempo. Só um minuto.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Aí o senhor retornou. Me perdoa a interrupção, mas é porque a gente precisava dessa data. O senhor retornou, aí teve a ampliação da [incompreensível], um ano antes do senhor voltar, já tinha o [incompreensível] o senhor ingressou na [incompreensível], aí esse período de ainda de luta pela democracia, etc. Como é que foi?

**IRANI CAMPOS:** É, pois é, a [incompreensível] não fazia essa luta política né, ela (trecho incompreensível) quer dizer, tinha muita gente lá que tinha até vontade de fazer isso, mas pela estrutura dela, era extremamente social, festinha, vamos levar os trabalhadores ali para fazer Natal, fazer essa coisas e aí a gente voltou e as coisas mudam e as coisas acontecem comigo que eu fico impressionado é com isso né. Eu tinha voltado recentemente né e até então um amigo meu que teve lá em Morro comigo [sic], mora lá no Rio Grande do Sul, ele resolveu me dar a menina dele para ser afilhada.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2:** Você se lembra o nome dele? Ele era da, participava do grupo também?

**IRANI CAMPOS:** Não, (trecho incompreensível). Na Alemanha que ele é, foi fazer o curso lá onde eu fiquei conhecendo ele lá. E ele então, quer dizer, ele é professor da Universidade lá em Fortaleza, professor de matemática, Dalcir de Cláudio. Então eu fui pra lá, falei: “Eu vou lá fazer o batizado.”, isso era em 81, fui lá para fazer o batizado, eu cheguei no batizado, cheguei lá no dia, acho que 10 de setembro, outubro, parece assim, não tô bem certo [sic], chegou ali ia ter uma reunião de criação do conselho de eleição da diretoria lá na faculdade de direito, Márcio Fraga, o Mário Massa era candidato da reeleição e assim lá a eleição para eleger o conselho, sendo o conselho.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3:** Representante.

**IRANI CAMPOS:** Representante da... Mas eram os mesmos caras lá, aí cheguei lá, aí eu cheguei quando foi cedinho, o meu amigo João Messi que morreu há pouco tempo né, figura da casa falou assim: “Olha, tá meio largado, mas temos que ir lá nessa reunião agora que vai ser eleição lá[sic].”, era o conselho representante elegia a diretoria né, não tinha eleição geral, aí eu fui pra lá e eles pegaram foram para lá. Chegando lá, tinha lá chapa do principal Ricardo Mario Massa, diretor do conselho

representante e tinha a chapa lá onde um doido foi lá e colocou ele, ele era o único cara da chapa que (trecho incompreensível) de vice-presidente. Aí começamos a conversar, falei: “Mas como é que pode? Não existe chapa de um candidato só nesse (trecho incompreensível). Vamos montar a chapa primeiro.”. Conversa vai, vai, vai e aí: “Você aceita ser presidente?”, “Não, eu cheguei agora gente, não tem nem jeito, não tem nem jeito.”, (trecho incompreensível), não, mas todo mundo que faz alguma coisa não queria assumir o cargo. Aí eu fui então na cabeça entrando sendo o vice-presidente, o presidente do conselho de representantes né, porque umas pessoas lá do meu serviço lá, que eu não lembro o nome assim, que viram coisas da (trecho incompreensível), para ver os nomes deles lá assim. E nunca um conselho representante, onde, e aí o conselheiro representante nós elegemos Mário, o Mário, o Mário Márcio para presidente, inclusive temos um relacionamento muito bom, muita gente não gostou, porque o Mário Márcio inclusive...

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Você foi membro do conselho representante?

**IRANI CAMPOS:** É, do conselho representante.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Dessa eleição?

**IRANI CAMPOS:** É, presidente do conselho de representante.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Você?

**IRANI CAMPOS:** É. E aí o pessoal começou a fazer campanha contra o Mário porque ele mandou os jornalistas fazerem entrevista comigo, os jornalistas fizeram a entrevista, ele divulgou no jornal (trecho incompreensível), então ele foi lá e diz ele que era um absurdo ele dar espaço para um terrorista. Inclusive um cidadão lá que tenho certeza que até conhece ele lá, um tal de Darci fui lá receber que era um dedo duro lá na faculdade de medicina, foi lá brigar com o Mário Márcio que era um absurdo ele dar espaço para terrorista lá (trecho incompreensível) e aquilo foi crescendo, com isso aí, nós fomos desenvolvendo um movimento, aí começando então, foi logo também começou a se criar criar a pub né, e nesse momento nós começamos a trabalhar junto, Assufemg e a pub, Fasubra e andes né. E teve lá dentro foi um movimento de expressão na universidade nacional, né. Um que posso garantir. Então adoto (trecho incompreensível) de certa forma, mas de todo jeito faz parte da experiência né

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3:** E da história né?

**IRANI CAMPOS:** E da história. Então quer dizer, tem muita coisa aí, vocês podem perguntar por curiosidade alguma coisa e em resumo...

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 4:** Posso fazer uma pergunta?

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Pode.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 4:** O senhor se lembra de quando o senhor disse que uma agente responsável pela tortura, que te chutou o senhor e o Frederico interferiu, falaram que era outro agente. O senhor se lembra do nome da pessoa?

**IRANI CAMPOS:** Não, era um carro da Polícia Militar, era um carro da Polícia Militar. Recebemos lá na porta lá e fez isso, conseguiu que o Frederico chegou na hora lá e deu a maior bronca com ele [*sic*].

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 4:** Quando o senhor teve recolhido no DOPS, se o senhor se lembra de alguma agente que o tenha torturado lá no DOPS, bem como lá em Linhares ou outra instituição que o senhor tenha sido recolhido?

**IRANI CAMPOS:** Em Linhares, a gente não tinha tortura lá né, quer dizer, que tem muita coisa que às vezes as pessoas consideram tortura, eu não considero tortura né...

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 4:** O que o senhor considera tortura?

**IRANI CAMPOS:** Eu considero tortura mais é coisa mais física mesmo, agressão física né, pegar pessoa impotente fazer maldade, fazer pau de arara, telefone, esses negócios, para mim tortura é isso. Esse negócio de tapinha, pra mim isso eu não considero tortura não sabe? Então quer dizer que tem muita gente que, para muita gente é tortura de fato, é tortura de fato porque depende da constituição da pessoa, quer dizer, às vezes, pode ser assim, você leva um tapa em um homem que tem uma expressão e dar um tapa numa mulher, tem outra né. Não é verdade? Então quer dizer, o julgamento então, para mim não é qualquer coisa que é tortura né. Igual eu conversando com meu amigo, falou assim: “Eles não me deram um bife de carne boa para comer.”, falei: “Isso não é tortura não, eles estão dando um bife de carne dura né, a gente come para mastigar né, mas o povo comia filé? Não comia. Como que eu vou exigir filé na cadeia?”. Essas coisas assim que eu acho meio cômico, mas para determinadas pessoas é tortura. Por exemplo, uma coisa que é tortura, que podia não ser para muita gente, mas que é tortura, o que eles fizeram, por exemplo, com Padre Lágio né, eles pegaram o Padre Lágio, colocou o Padre Lágio nu na cela, isso para um clero, para um padre, isso é uma tortura muito grande né. (trecho incompreensível)

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 4:** O senhor testemunhou isso onde?

**IRANI CAMPOS:** Hein?

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 4:** O senhor testemunhou isso onde?

**IRANI CAMPOS:** Eu dei testemunho do que eu vi, mas ele, meu primeiro voto para vereador em Belo Horizonte foi no Padre Lágio. Ouvi falar.

INTERLOCUTOR: Sim.

**IRANI CAMPOS:** Ouvi fala.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 4:** Ah sim, o senhor ouviu falar?

**IRANI CAMPOS:** (Trecho incompreensível), pelo que me consta, ele e eu, o Padre Lágio, Sinval Vamira, o Dazinho e o Cláudio Viviani foram os quatro primeiros presos políticos do Brasil. Preso por encanado, preso porque não tem conhecimento. E nesse aí o (trecho incompreensível) entrou porque ele era paramilitar né, então eles fizeram isso e foi informação, informação do Dazim, informação do Mambira, de que aconteceu esses fatos lá, inclusive de outras pessoas que eu não estou lembrado de nome agora, que tiveram em 64, presos junto com ele e tal. E isso para ele, para um padre era uma tortura né, então se ele pegasse, se pegar uma mulher nua no meio de presos lá, para se fazer gracinha, isso é tortura danada, isso realmente é tortura né. Mas esse negócio de tapinha (trecho incompreensível), como diz o outro, eu não chego a considerar igual quando você põe no pau de arara, que você usa o telefone, quando você faz igual eles fizeram com João Lucas Alves, que foi assassinado barbaramente na delegacia de furtos e roubos aqui, arrancaram as unhas dele, cortaram a orelha dele, cortaram o nariz dele, fizeram uma... Aquilo não tem... Além, é coisa até difícil de falar, além de tortura né, é uma maldade tão grande, que eu não sei o que é. Foi assassinado assim, como bandido na delegacia de furtos e roubos, isso é absurdo. E até hoje, quer dizer, no meu entender não ressalvaram bem para ficar para claro, que ele foi assassinado como preso político na delegacia de furtos e roubos porque ele era sargento da aeronáutica, foi expulso da aeronáutica porque ele foi treinado para combater a guerrilha lá em Paraná e ele voltou e aderiu a luta armada do nosso lado, então os militares tinham um ódio dele muito grande. Então, ele morava no Rio de Janeiro e ele dava treinamento para a gente [sic], ele tinha experiência, quem lutou para combater em guerrilha, entendia de guerrilha né? Então ele dava instrução para gente, só que ele morou numa casa lá onde era uma casa que tinha um ex-sargento, que não estou lembrado do nome dele, da aeronáutica, do exército [sic]... Ele morou numa casa lá né e ele frequentava lugar que tinha uns barraco, mas nos barracos frequentava muita gente e alguém fez uma péssima denúncia que lá era boca de fumo. Eles foram lá e prenderam e o João Lucas estava lá, aí eles prenderam o João Lucas, aí quando uma pessoa que infelizmente sendo maldade de ser



torturado e tudo, aí a gente pegou o nome dele [sic]. Aí quando ele é preso lá, eles ficaram muita coisa: “Nós pegamos um peixe grande né, foi um centro de usuários de drogas, nós pegamos foi um peixe grande.”. Aí trouxeram ele para Belo Horizonte, ele era da COLINA né, transfere para Belo Horizonte, ele ficou na Delegacia de furtos e roubos junto com os presos políticos. Os presos primeiros, que foram 3, foram para a Delegacia de Furtos e Roubos na Rua Pouso Alegre, depois foram transferidos para Neves, mas o João Lucas Alves não chegou a ser transferido, chegou e foi assassinado barbaramente na Delegacia de Furtos e Roubos da Rua Pouso Alegre. E isso é barbárie imensa, quer dizer, o que eles fizeram com esse cidadão lá no Rio de Janeiro, de tomar o carro dele para poder condenar ele como comunista e ficar com o carro dele lá para torturar barbaramente do cara não aguentar nem levantar, andando feito cobra rastejando no chão, isso é fazer o que eles fizeram lá com a gente lá, podendo ser (trecho incompreensível) dá um telefone, dessa história do telefone. Muita gente perdeu o título por causa disso. E o choque elétrico? Eu, por exemplo, não aparento, fui poupado de ser submetido a determinadas situações, eu não fui pau de arara porque eu não podia entrar em pau de arara né, eu fui com a barriga aberta. Ia ser, eles iam me pôr no pau de arara e as tripas iam sair para fora lá né, ia ser extremamente complicado né e tal, mas quantas outras coisas eles fizeram com as pessoas, eles faziam com as pessoas né... Tortura. Essa coisa de você ficar com o farol no olho, na cara, aquilo ia esquentando ali, que até queimava até a cara da pessoa e quando você fechava (trecho incompreensível) e ficava com a mão e um livro aberto assim, quando você olhava e chegava um e te dava um tapa para você pôr a mão direito né. Quando você fechava o olho você batia no farol, batia para você abrir o olho, ficar atento como diz o outro né, isso sim são torturas que são injustificáveis né e muitas vezes eram feitas com maldades né.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** E você se lembra do nome de alguma dessas pessoas, por exemplo, que colocou, que estava presente na hora ou que fez a questão do farol?

**IRANI CAMPOS:** Um foi o Capitão Guimarães, Capitão Gomes Carneiro, um outro cara, um outro tenente, esqueci, não é o Bel Verneris não, o outro tenente que tinha lá, que era um nazista lá, eu nem lembro o nome dele mais... E um outro cara que era do DOPS, (trecho incompreensível), até morreu recentemente aí. Ele já foi denunciado várias vezes, eu vendo a relação do pessoal do DOPS, eu sei todos que estavam lá né, mas eram 4 pessoa só, que ficaram comigo lá, foram 4. O resto era um sargento

que ficava lá só, sargento escrivão né, ele ficava morrendo de dó de mim lá porque ele via minha situação, como eu estava, estava prestando depoimento com febre de 40 graus e ironicamente eu fui salvo da tortura, aqui, pelo iminente vice-presidente do Atlético, Afonso Paulinho. Afonso Paulinho eu não sabia que era ele ligado, fardado lá (trecho incompreensível) tenente da reserva do centro-oeste e ele que evitou que eu continuasse a ser torturado.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 4:** Ele o quê?

**IRANI CAMPOS:** Ele que evitou que eu continuasse a ser torturado.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 4:** Ah, ele evitou que o senhor fosse torturado?

**IRANI CAMPOS:** É, ele entrou na sala, ele entrou lá xingando, falando bobagem, que o fulano (trecho incompreensível), ele (trecho incompreensível) quando ele saiu assim, aí eu falei com o sargento: “Aí sargento, esse eu conheço esse, esse é o minhoca.”, que o apelido dele de jogador de futebol na época era minhoca, jogava no América, jogador do América também, aí foi quando ele fico, porque ele perguntava tanto do João, que o apelido, o nome de guerra do Juárez, Juárez de Brito era João né, ele perguntava: “E João?” e eu: “Não sei que João não.”. Até me ajudaram muito (trecho incompreensível), aí quando me ensinou num lugar lá ele falou assim: “Ah, mas você estava na beirada, você conheceu o Juárez Juárez de Brito?” e eu: “Ah, conheci demais, você também conheceu uai, jogava basquete no América. Aí ficaram sem saber né: “Ah, mas eu perguntei pelo Juarez.”, “Uai, mas não sabia. Eu conheço ele por Juarez, você perguntou de Juarez estou te respondendo quem era Juarez. Você conhecia ele de lá, jogava basquete no América na época que jogava futebol lá.”. Aí ele saiu de lá e falou com o sargento: “Ó Não põe a mão não porque ele é meu peixe [sic]. “Você já viu sua família?”, eu falei: “Não vi minha família não.”, ele mandou um jipe lá na casa da minha mãe, lá no Barreiro lá e levou minha mãe para me visitar no outro dia, no DOPS. Aí tem uma vez que queriam eu pusesse, que eu tivesse sido torturado, aí eu falei: “Ele não me torturou, muito pelo contrário, teve na sala de tortura, por causa disso eu tive sorte por ele ter ido na sala de tortura eles pararam de me torturar lá.”. Quer dizer que tinha cara que ele não punha a mão, por exemplo, o Bel Venezes ia na sala e tudo, mas nunca vi ele pôr a mão em ninguém e ninguém pôs a mão. Eu não vou dizer que o cara, agora, posso dizer que ele é torturador, mas que ele me torturou, não posso dizer né. O senhor quer que eu falei que ele me torturou, que ele não me torturou. Eu não estava lá quando outras pessoas que vocês

estão falando, estavam torturados. Eu não vou falar isso, não vou. Agora se perguntar que eu tenho conhecimento que ele é torturador, eu tenho conhecimento que ele é torturador porque companheiros de guerra foram torturados por ele né, aí é diferente eu tenho que confiar nos meus colegas né, mas eu não fui torturado. (Trecho incompreensível).

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Por ele. Por outras pessoas, sim né?

**IRANI CAMPOS:** Pois é, agora se for o outro lá, o, esse cara que era detetive, tem o Gomes Carneiro, esse que foi detetive do DOPS e mais dois caras que eu não sei o nome deles lá.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 4:** Por acaso é o Scoralick?

**IRANI CAMPOS:** O Scoralick é um. O Scoralick é um. O Scoralick é um, mas esse não é o Scoralick não, é outro, não é o Scoralick. Você me lembrou bem, Scoralick é um. Você conheceu ele?

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 4:** Não.

**IRANI CAMPOS:** Ele era (trecho incompreensível), conversava muito fiado, (trecho incompreensível) ele era o próprio (trecho incompreensível) o Prata Neves, era um cara que eu conhecia muito, que inclusive minha mãe tomou, minha irmã, tia tomou ódio dele porque ele ficou fazendo gracinha para ela, xingando ela lá, fazendo de... Para ela era tortura né. Na época para minha tia era tortura, mas mim não é, mas para ela era tortura. Brincando com ela, fazendo brincadeira com ela, colocando no pau de arara, queria fazer (trecho incompreensível). Ela então ficou desesperada lá dentro e ele foi vizinho da gente lá, como que é, foi, era delegado lá, era ele, o (F) Neto esse o Davi Azan, esse cara, agora esqueci o nome dele, o cara morou em frente minha casa na Rua Piauí, (trecho incompreensível). Ele fez uma série de tortura lá com minha tia porque quando ele falava que ia fazer, ai torturar ela, fazer tudo que, que ela tinha que pagar por ela ter um sobrinho bandido, para ela foi uma tortura muito grande. Pegava na barriga dela e tal, perguntando porque ela não tem filho porque ela não era capaz de fazer um filho, umas coisas assim, idiotas assim, que para a pessoa é tortura né? Para essa pessoa é tortura. E ela então, nossa senhora, ele falou para ela que a onde ela fosse que ela podia ficar atenta, que qualquer coisa eles iam pegar ela, ia pegar ela lá para ela para contar a história direito sobre.... Coitadinha, não sabia de nada, ela nem sabia onde que eu militava assim publicamente e nem nada, nem mamãe sabia né? Então, quer dizer, são as coisas assim que vai guardando e que a história vai abaulando. E aí você tem muitas histórias, que é coisa impensada... Essa eu vou

omitir o nome da pessoa, coitado, foi uma companheira que participou da luta armada aí, foi presa, estava na mira do (trecho incompreensível) comigo e ela se tornou, ela participou de outro lado, do ser torturado do lado, não sei problemas (trecho incompreensível), ela tinha horror de barata, então um dia ela estava na cela e entrou uma barata lá e ela deu chique tremendo por causa da barata e alguém viu aquilo né, então o quê que eles começaram a fazer, por barata na cela dela. Ela vivia constrangida encostada na parede, tentando fugir da barata (trecho incompreensível), tem muita gente assustava com barata e com isso começaram a colocar a menina como complicada por que enchia lá de barata (trecho incompreensível), até que uma hora lá, começaram a tirar ela, conversaram fiado no ouvido dela e de repente ela estava lá, andando com os caras pra lá e pra cá, como se nada tivesse acontecido. Triste demais né? Agora o quê, se você analisar bem, é um tipo de tortura né? É um tipo de tortura. Essa eu considero, não é fisicamente, de bater, de dar palmada, fazer isso, mas você pegar um trauma da pessoa e fazer, isso é tortura, sabe que ela tem medo, temor daquilo, medo daquilo e a pessoa faz isso, quer dizer, para ela foi a mesma coisa que fizeram com o outro de colocar no pau de arara, dar choque elétrico e tudo isso né.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Bom, você quer acrescentar mais alguma coisa Irani Campos? Ou mais um informação que o senhor queira nos dar?

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2:** Eu posso perguntar?

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Ela tá perguntando se você tem algum relato sobre o período antes de você ser preso, etc. Sobre a universidade, o senhor tem alguma coisa que você queira relatar? Alguma questão que o senhor queira assinalar? Entendeu?

**IRANI CAMPOS:** Ah tem muitas coisas, as mais importantes são essas né porque depois você até, você entrando aqui, você vai lembrando outras coisas né, aí prolonga demais o fato, mas eu acho que é o suficiente né. Eu acho que já falei o suficiente. A questão da participação política, da organização política, da fase da ditadura, das forças que contribuíram para dar o golpe, no chamado militar né.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Você entrou na universidade quando?

**IRANI CAMPOS:** Entrei em 2 de fevereiro de 1958, não tinha nem 20 anos ainda.

**INTERLOCUTOR:** Portando 6 anos do golpe, você teve um período lá antes do golpe e depois teve um período após o golpe [sic].

**IRANI CAMPOS:** Porque depois teve, quer dizer, eu através de outras coisas participava muito com alguns outros funcionários assim e tal. Participava das passeatas, aí eu participava muito das passeatas, quer dizer, como um João Ninguém né, com uma gravata para poder descobrir inclusive quem era os dedo duro [sic], quem era policial. Então era uma das missões que eu tinha na passeata, não era marcado, não era estudante, nem nada e eu me misturava lá e saía com o (trecho incompreensível) e fazia a mágica e ficava vendo as coisas né. As coisas e ia registrando né, que era ali que você descobria os casos que era do DOPS, pelo menos quando a coisa era na faculdade de medicina né, era mais fácil porque as vezes a gente estava lá, saía de avental branco trabalhando, passava perto deles ali, ouvia conversa, (trecho incompreensível) registrando. E tudo isso fazia, lógico, fazia parte da militância da gente, participava, por exemplo, em 53 eu participei de uma grade marcha, eu estava com 16 anos, na luta pela Petrobrás né, depois em 64 participei de uma atividade que saiu até em jornal, no Diário da Tarde eu estava na segunda fila lá participando onde estava até o almirante, almirante famoso que foi banido também do país, foi perseguido, era um dos grandes participantes brizolistas doente que estava (trecho incompreensível), deu regimento contra na certeza um dos últimos movimentos da Secretária de Saúde, que é o hoje o Minas Center.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Minas Center.

**IRANI CAMPOS:** Minas Centro que também teve lá, foi polícia em quantidade...

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** No 1 de maio. 1 de maio não foi?

**IRANI CAMPOS:** 1 de maio, né. Então quer dizer que o pessoal (trecho incompreensível) e tal... Ih encheu de polícia ali, ao lado do mercado né, então essas coisas todas a gente participava como obrigação né. Só que lá a atividade da gente era, como diz o outro, zé ninguém né, (trecho incompreensível) tomava informações, passava para as pessoas: "Olha, aquilo ali é assim, aconteceu isso assim.", as pessoas registrando e informando na nossa agendazinha, então e depois com a criação da entidade da universidade, você começava a participar de assembleias da entidade, você participava de comissão para conversar com o diretor, então isso tudo faz parte né, mas as coisas mais importantes que aconteceu foi justamente depois que nós tomamos a deliberação de desencadear a luta armada no Brasil né, através da COLINA.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2:** Salvo o melhor juízo, o senhor trabalhou no pronto socorro?

**IRANI CAMPOS:** Trabalhei.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2:** O senhor se recorda se teve algum médico que atuava no pronto socorro e que atuava também com algo de repressão ou dando subsídio a algum agente responsável pela tortura em Minas Gerais?

**IRANI CAMPOS:** Um deles eu já falei né? Que era esse Marco Antônio né, que era cirurgião lá no pronto socorro. O pronto-socorro era na Rua dos Otoni né, não é o João XXIII não, era na Rua dos Otoni.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Ali Amélia Lins.

**IRANI CAMPOS:** Tinha, por exemplo, o Doutor Elmo que era ligado, segundo informações, o Doutor Rubens que era também professor da universidade também que era de lá de Tiradentes também.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Ele era do pronto-socorro policial né?

**IRANI CAMPOS:** Pois é, porque lá chamava, na época lá pertencia a Secretária de Segurança Pública.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2:** Tinha algum Jean?

**IRANI CAMPOS:** Jean Polvo? Esse era um dos mais conhecidos, foi estudante de medicina lá né, ele trabalhou no pronto-socorro também e ele era, foi um dos grandes torturadores da época também ou já foi.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2:** Chegou a torturar o senhor?

**IRANI CAMPOS:** Não, não, não.

**INTERLOCUTOR:** O senhor viu alguma vez em que ele tenha atuado?

**IRANI CAMPOS:** Não, aí é de informações de companheiros, mas que ele participava ativamente da repressão, isso eu sabia.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2:** E outra coisa, quando o senhor fala de um companheiro do senhor ou companheira, não me recordo. O senhor se referiu lá na universidade a uma pessoa ligada a Juque?

**IRANI CAMPOS:** É, esse amigo meu, que inclusive foi o que mais me introduziu, passou livro para mim ler e tal, tal, tal e trabalhava, Doutor Clovis Boechat. Ele que era da juventude universitária católica e através dele que eu comecei a ler muita coisa sobre, inclusive, Sidir né?

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Incir.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2:** Incir.

**IRANI CAMPOS:** No João XXIII, era ser comunista né, era a (trecho incompreensível) era o papa vermelho né? Então quer dizer, isso tudo através do Clovis Boechat que

passava para mim e depois tinha mais companheiros de fato que tinha militância [sic], como um dos caras que aprendi muito com ele, foi o companheiro de luta muito grande foi o Carlos Alberto de Freitas, até hoje não sei por onde anda, foi um dos caras que contribuiu muito com a minha militância política, engajado politicamente na luta armada e tudo isso, teve interesse muito grande.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2:** O senhor me dá licença.

**IRANI CAMPOS:** Convivi e estivemos até presos juntos... (Trecho incompreensível).

**INTERLOCUTOR:** O senhor conviveu com o Herculano Mourão Salazar na UFMG?

**IRANI CAMPOS:** Claro, ele foi professor da UFMG, ele trabalhou com mais gente da CIA lá no hospital das clínicas, com Aparício, o Aparício. Tô falando que ele é agente ele da CIA porque aconteceu um fato [sic], teve um greve na universidade e ele que tinha os negócio particular dele lá no hospital das clínicas né, e nós estava em greve [sic].

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2:** Quem? O Aparício?

**IRANI CAMPOS:** Aparício.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2:** Aparício.

**IRANI CAMPOS:** E ele estava em greve porque o Herculano trabalhou com ele, ele tava em greve [sic], nós estava em greve e ele queria que liberasse pra poder e eu falei: “Não, não vou liberar não.”, ele falou assim: “Mas você (trecho incompreensível) foi ladrão de banco, quantos bancos você roubou?”. Falei com ele assim: “Então Aparício, o senhor é agente da CIA deve ter mais informação do que eu.”, aí ele ficou doido, endoidou né. “O senhor como agente da CIA, o senhor deve saber mais coisas que o banco roubou [sic], porque na verdade eu não roubei nenhum, mas se o senhor tá sabendo que eu roubei banco, o senhor como agente da cia....”. E era mesmo e ele por uma questão, todo mundo tem seu ruim e o lado bom né, ele sensibilizou muito com a coisa do Herculano e entro para trabalhar com ele. O Herculano é aquela pessoa que confundiu muita a cabeça das pessoas porque é um militante político sério (trecho incompreensível), mas meio santo né. Acredita nas pessoas com muito mais facilidade que outras e foi trabalhar com o Aparício. Eu não vi nada demais nisso, tem gente que até: “Como é que pode, o Herculano que militou, foi preso, trabalhar com o Aparício? Sabe que ele é dedo duro, tal, tal, tal.”, “Eu acredito no Herculano e a Neli você conhece muito também né, mas companheiro, porque ela também nos ajudou a criar a união dos servidores na faculdade de medicina, a Neli”.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2:** Ele não?

**IRANI CAMPOS:** Ele era estudante né, mas ela ajudou que era, ela trabalhava de secretária, e que ajudou a gente a criar. Então, uma pessoa que eu conheci demais e ficou muito arrasado com a tortura né, e teve consequências depois, certamente consequências do Renal, sobretudo problemas de saúde. Eu acho que sensibilizou muito o Aparício né, (trecho incompreensível) ele foi trabalhar com o Aparício, eu conversava muito com ele, gostava muito dele, a Neli, era brigava com o movimento na igreja também né, trabalhava na igreja também com o pessoal da igreja e eu conheci ela também através disso, ela era militante mais, ela foi da PI né, depois nenhum dos dois tiveram na COLINA, eles eram ligados a PI, depois Herculano, eles ligaram ao pessoal da Corrente né, então, foram pessoas formidáveis que conheci, foi ele, morreu, descansou. Isso, a Dôdôra, Dôdôra era uma pessoa formidável.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3:** Dôdôra era a Auxiliadora Barcelos?

**IRANI CAMPOS:** É, exatamente. É uma pessoa formidável, eu chamava ela, era um meninona. Eu chamava ela de Moçona, era uma pessoa formidável. Eu ficava de vez em quando eu ficava perguntando como que pode uma pessoa igual ela aderir a luta armada, essas coisa de política né, ideológico. Mas ela era uma meninona, uma coisa assim, acreditava em todo mundo, uma pureza impressionante. Você fala isso no meio de determinado, tem gente que é até capaz de não acreditar, ela é de uma pureza impressionante, eu conheci ela como estudante né. Eu sabia até a saia que ela usava, porque ela era, a família dela não era rica né, ela tinha muita dificuldade, então ela lavava a saia dela para vestir no outro né. Então, eu conheci ela por cor da sainha dela, de vez em quando no exílio depois gente perguntava: “Aqui você tinha uma saia daquela lá, que identificava você melhor.”. Então tem uma série de coisas que mistura né e ah, um cara também que eu trabalhei muito com ele assim mesmo, o Apollo né, ele era estudante, ele era ligado a COLINA na época né, mas ele era, a ajuda mútua entre nós era muito grande né porque eu tinha vantagem que muitos não tinham porque eu era ligado ao pessoal, mas vamos dizer, do operariado, trabalhador né e eles eram mais ligados a classe média e tudo, tinha outros tipos de relação, então acaba você para ajudar ele a desenvolver o trabalho operário, eu que era do sindicato tinha muita possibilidade de ajudar muito mais que outros né. Porque a identidade, a identidade que você tinha com as pessoas, a sua vida que você levava ela, com mais pessoal que é de baixo, isso tem uma relação muito grande na aprovação, principalmente quando você está organizar as pessoas [sic]. E quando você tem as pessoas que acreditam em você, elas acreditam de fato isso é muito importante,



acredito de fato. Então, você vai, eu conheci, por exemplo, depois quando eu estava no pronto-socorro, olha bem para você ver, o primeiro dia que eu vi um guarda civil na porta lá cuidando de mim, era um conhecido meu de longa data que a mãe dele era colega da minha mãe na escola de enfermagem então ele passava muita coisa às vezes que, quando chegava e encostava assim na cama e falava comigo algumas coisas, contando como que era, porque (trecho incompreensível), mas ele ficou sabendo, por exemplo, que, sabia notícia... Ele que me informou que ia ser transferido pro DOPS, apesar do Doutor Luís, um dia desses mesmo eu passei lá e lembrei do nome dele, que ele foi diretor do hospital evangélico lá, tinha o nome diferente, alemãozão [sic].

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2:** Evilázio?

**IRANI CAMPOS:** Evilázio. Evilázio virou para mim e falou que eles tentaram organizar uma forma de me tirar do pronto-socorro, mas quando não deu, estava tão difícil organizar, ninguém estava lá... Aí eles acharam que eu era muito mais do que eu era na verdade, né porque eu estava sendo procurado de um jeito e tinha um outro cara com codinome meu que era uma fera, segundo dizia que ele era uma fera no Rio de Janeiro né. E o Capitão Lerinho lá estava doido atrás de mim, quando ele soube que eu fui preso aqui e que meu codinome era Costa, aí ele falou: “Pusemos a mão no homem.”, aí, o próprio Del Venera saiu, “Aqui eles não vão bater em você mais não, mas você pode preparar que lá no Rio de Janeiro não vai ser eu.”, Del Venera falou assim pra mim, (trecho incompreensível), e falava: “Mas o quê? Você vai pra lá (trecho incompreensível) agora o Lerinho está te esperando lá.”, eu falei: “Ah, pode esperar, o que eu vou fazer?”. Aí aconteceu um desenrolar de coisas e aí eles foram ver que eu não tinha nada a ver com outro Costa que eles estavam procurando, tinha nada a ver. Foi ver onde estava né, onde eu estava na época, como eu fui preso e tudo isso, mas não tinha nada a ver. Mas eles ficaram então achando que eu era, então quer dizer, aqui (trecho incompreensível) para falar coisa que eu não sabia, eu não falei porque eu era forte não, porque aliás eu lembro de um livro que eu li do Francis Farruel sobre a Guerra na Argélia e que ele colocava lá muito bem, o que ele falava assim: “Todo mundo tem seu ponto fraco, você pode levar um tapa e abrir a boca e falar tudo o que está [sic], você pode morrer e não fala porque você não pegaram seu ponto fraco.”. E eu fico com essas coisas na minha cabeça né, então eu comecei a me preparar quando eu fosse preso para mim não abrir espaço para que ele fortalecesse isso, para me achar mais do que eu era de fato, então organizei a minha fala, a onde eu falava a

mesma coisa, vinha um e eu falava a mesma coisa e então com isso aqui eles chegaram à conclusão de que eu realmente não tinha nada a ver com algum coisa né. Por exemplo, eles falaram que eu assaltei banco no Rio, eu nem sabia o endereço, não comprei nada, era até hilário isso, eu até sair daqui e entrar com uma turma lá que sabia tudo e entrar em coisa e não saber né, não era comigo não, então tudo isso pode ser. Eu tinha amigo que militava na COLINA que nem eu sabia que ele era da COLINA e nem ele sabia que eu era da COLINA, (trecho incompreensível), por questões de segurança, a gente sabia que o coque é falho, você estava sujeito. Além disso puseram um cara lá na universidade para me vigiar, eu descobri e desconfiei que tava [sic], que ele tava fazendo isso [sic], ele era filho de um funcionário lá e tal e eles puseram ele lá, então ele ficava lá me interrogando de vez em quando porque ele queria participar do movimento e tudo isso, aí eu comecei a desconfiar e comecei a dar informação errada para ele, “Vem cá, vai ter alguma coisa?”, eu falei: “Vai ter uma manifestação lá na Praça da Liberdade.”. Aí ele correu para Praça da Liberdade, chegou lá o lance era na Praça da Estação, aí no outro dia ele chegou lá: “Você não falou e não tinha nada não.”, “Não tinha como? Você não me viu lá não, eu tava lá sô [sic]!”, “Uai eu fui lá.”, eu falei: “Então você ficou escondido.”, (trecho incompreensível), então são coisas assim que vão acontecendo que o cidadão, o pai dele tá lá até hoje faz que marca até hoje, o cara foi dedo duro.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2:** Qual cidadão? Qual o nome, você sabe?

**IRANI CAMPOS:** Fora da gravação eu falo com vocês. Você deve conhecer.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Então tudo bem gente. Então, Irani Campos eu quero agradecer a sua disponibilidade, a sua disposição e se a gente conseguir copiar isso, sua gravação, num pen drive [sic], a gente te entrega a você talvez [sic], se der jeito até hoje mesmo.

**IRANI CAMPOS:** Eu queria acrescentar um pouquinho porque eu acho que é importante.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Pois não.

**IRANI CAMPOS:** Eu to lembrando aqui a pessoa que eu fui muito companheiro dele, ele era meu companheiro foi o Tito [sic]. Tito convivi com ele muito tempo lá na nos tempo Chile lá, jogamos até futebol no Chile então eu lembro do sufoco do Tito quando ele tomou conhecimento de que Fleury estava no Chile, que quando ele estava saindo do Brasil, o Fleury disse para ele que não adiantava ele sair, que onde você for, eu vou atrás de você. E ele então, quando correu que o Fleury estava no

Chile, ele ficou sem lugar porque ele foi barbaramente torturado pelo Fleury e companhia. E com isso ele foi desestruturando aí depois ele foi pro Chile, foi para França né e começou lá, depois ele ficou sabendo que o Fleury estava lá na França, foi quando ele então desestruturou totalmente e levou ao suicídio. Porque o cara que foi torturado igual ele e saber que ia cair na mão de um assassino igual Fleury, (trecho incompreensível), como que o cara ia ser barbaramente, certamente ia ser torturado duas vezes mais ou três vezes mais do que ele foi de quando ele foi preso junto com Frei Beto e etc. e tal. Então eu acho que isso é importante marcar porque tem muita gente que tem visão quando a pessoa suicida, que tem muita gente diz que é covardia, não é não, para mim não tem nada de covardia. O cara passou por isso e quando ele ficou sabendo que realmente o Fleury tava no Chile [sic], depois ficou sabendo que o Fleury estava na França mesmo, então quer dizer, um negócio realmente, para quem passou o que passou na mão do, é de ficar extremamente preocupado, que não era tão difícil de pega-lo. Na época tinha formas e mais formas, tinha embaixadas e embaixadas combinados né, então não era difícil. Então, eu acho que é bom registrar isso, esse testemunhos aí porque ele foi um lutador como a grande maioria dos outros né.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Foi importante isso sim, saber essa parte do depoimento, se você quiser acrescentar mais alguma coisa, estamos aqui à disposição.

**IRANI CAMPOS:** Não, acho que o mais importante foi falado, é o negócio mesmo que eu falo sempre é a minha história não é minha, sou apenas o agente de uma história que aconteceu e que continua acontecendo porque eu ainda temo até hoje muitas coisas que podem acontecer no Brasil, quando você está ali vivendo no mundo que nós estamos vivendo. Quando você vê uma semana 11 pessoas, 12 pessoas, que morreu com as chamadas bala perdida, que eu acho um absurdo ficar usando essa expressão bala perdida, não existe isso de bala perdida, alguém disparou a bala né, ela não ia aparecer perdida, quem é que perdeu a bala? É quem levou, quem morreu? Ou quem disparou o tiro né? Então eu acho um absurdo. Então tudo isso então te leva a você essa preocupação [sic], das Petrobrás da vida, dos mensalão da vida, de tanta coisa que está acontecendo aí, existe para mim uma força muito grande de desestruturação total do governo Dilma, eu acho que é bom a gente registrar, a gente que viveu no passado tem que estar sempre atento no futuro. O que eu vejo hoje a mesma da forma que eu vejo todas as ações de Neves para desmoralizar a Dilma,

para desmoralizar, acabar com o PT. Aécio cansou de falar várias vezes a mesma coisa, que eu fico lembrando da guerra suja contra João Goulart na época, eles sempre consideraram João Goulart ele era um comunista, ninguém tinha ideia de que ele era disputável, mas só que ele era um ser humano que queria ver um país melhor, queria ver o povo melhor. Eu acho que é bom nessas horas a gente não deixar de registrar esses fatos, de alertar porque dizer o que aconteceu não acontece mais, não é verdade, a história foi clara e muita coisa que aconteceu, continua acontecendo. E no Brasil do jeito que nós estamos, com essa criminalidade do jeito que está, com essa desordem que está, com essa falta de autoridade que nós estamos vivendo aí, fazendo de tudo para desmoralizar a autoridade, nós, chega uma hora que aparece alguém para bater o martelo, lamentavelmente não conheço, pouquíssimos exemplos na história, apareceu quem tivesse o martelo, que queria melhorar alguma coisa para a sociedade humana. Quero que fique bem registrado isso, que nós todos que militamos há anos atrás, não podemos esquecer da luta de classe, não podemos esquecer da nossa ideologia do passado. A não ser que se sentiu traído por si mesmo, não pode ficar desatento porque o que a gente vê hoje aí, a possibilidade que existe de nós chegarmos no momento no Brasil do jeito que tá, cada dia o parlamento ser mais destruído, cada dia o judiciário ser mais destruído, desmoralizado, porque estão fazendo por onde, alguém tem que tomar uma atitude e normalmente nesses casos, se a sociedade não está realmente organizada e se eles ficarem muito a nós que tivemos nossa militância e ainda acredita nas ideias que defendemos na época, eu continuo defendendo as mesmas ideias, obviamente que algumas coisas muda a forma, mas não muda o conteúdo, em termo de conteúdo eu continuo defendendo as mesmas coisas que eu defendia nos anos de 60, 70. E eu vejo hoje riscos profundos, embora pode alguém até me chamar de louco por causa disso, mas eu vejo, porque eu não desgrudo da chamada luta de classe, eu não desgosto do poder, eu acho que o poder existe e ele nunca vai perder o seu lugar e normalmente os personagens que às vezes escondidos por muitos anos e seus momentos, às vezes, aparecem, isso é um alerta que eu gostaria O que eu gostaria de aproveitar essa oportunidade e a condição que estão me dando e falar sobre o momento histórico que nós vivemos e a história ela pode mudar de formas, mas ela continua existindo. E o dia que a história ela só volta com farsa, eu não queria acreditar nisso, a história ela existe e repete, contrariando a máxima deles em que a história e repete como farsa, eu acho que não é assim, ela se repete como verdade nas sociedade humana como forma de luta e de

organização da sociedade e normalmente até hoje, entenderá a vantagem maior é a classe dominante né e tá aí. Falei aparentemente desorganizado, mas extremamente desorganizado, quer dizer, não se trata de destruir (trecho incompreensível) não se querendo por todos os ladrões da Petrobrás na cadeia o que estava-se fazendo é tentando desmoralizar a Petrobras por várias razões econômicas, uma delas, há o sonho ainda que sempre tiveram a anos atrás de privatizar a Petrobrás. Pode alguém falar assim, mas se você falar como (trecho incompreensível), tinha nada a ver, pode olhar para trás, para a história que vocês vão ver que tem risco o que eu to falando [sic]. Quero agradecer mais uma vez vocês, estou sempre à disposição de vocês, qualquer coisa que vocês lembrarem e precisarem de informação pode falar comigo que eu to aí disposto [sic].

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** A gente é que agradece hoje, viu, você ter cedido tempo para gente e a gente ter tido essa...

**IRANI CAMPOS:** Esse é mínimo que eu posso fazer pela construção social.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Tá bom [sic], muito obrigada.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2:** Estamos encerrando esse depoimento às...

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** 11h30min.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2:** 11h30min do dia 27 de janeiro de 2015.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** 27 de janeiro de 2015, muito obrigada.